

O mito de Narciso na poesia de Dora Ferreira da Silva

Jamille Rabelo de Freitas
Universidade Federal de Uberlândia

Orientadora: Profa. Dra. Enivalda Nunes Freitas e Souza
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Tomando por objeto as teorias de Mircea Eliade, João Ribeiro Júnior e Ana Maria Lisboa de Mello, explicitaremos alguns aspectos referentes à relação entre mito e literatura. Com isto, buscaremos compreender a influência do pensamento mítico na obra da poeta contemporânea Dora Ferreira da Silva e, para tanto, utilizaremos o poema Narciso (I), presente na obra *Hidrias*, da poeta referida.

Palavras-chave: Mito de Narciso. Poesia. Dora Ferreira da Silva

Abstract: Using as support Mircea Eliade's, João Ribeiro Júnior's and Ana Maria Lisboa de Mello's theories, we will clarify some aspects of the relationship between myth and literature. With this, we will search to understand the influence of the mythical thought in a work of the contemporary poet Dora Ferreira da Silva and, as bases, we will use the poem Narciso (I), present in the publication *Hidrias*, of the same poet referred before.

Keywords: Narcissus. Poetry. Dora Ferreira da Silva

Mitologia e literatura

Constituída pelo conjunto de mitos de um povo, a mitologia é utilizada desde épocas imemoriais, com o objetivo maior de compreender e explicar o mundo e o homem. Em grego, o vocábulo *mythos* tem como significado palavra, mensagem, linguagem e, de acordo com João Ribeiro Jr. (1992, p.15): “O mito, como palavra, e linguagem, trata da vida, do mundo, das coisas como uma totalidade, e procura descrever as origens, as relações e o destino do mundo humano.”

Para Mircea Eliade, grande historiador dos mitos e das religiões, o mito é um sistema dinâmico de símbolos e arquétipos que tende a se compor em relato:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio (...). Fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. (...) Mito é a palavra, a imagem, o gesto, que circunscreve o acontecimento no coração do homem. (ELIADE, 1972, p.p. 11-13)

Os mitos foram criados pelos gregos como forma de expressão daquilo que sentiam e vivenciavam e, sobretudo, para explicar fenômenos e sentimentos que não compreendiam.

Existindo desde épocas imemoriais, e nascendo com a linguagem, eles só passaram a ser estudados com maior seriedade, de fato, a partir do final do século XIX; e é com o surgimento da psicanálise, através dos estudos sobre o inconsciente e imaginário humano, desenvolvidos por Freud, que os mitos são reabilitados.

Carl Jung – famoso psiquiatra suíço fundador da psicologia analítica - também contribuiu para o aprofundamento da mitologia moderna, através da sua teoria do inconsciente coletivo. Analisando as semelhanças e divergências das imagens e símbolos de diversas culturas, o autor chegou à conclusão de que havia no pensamento humano uma espécie de arquivo, um depósito da história da humanidade; os chamados arquétipos. Jung (1985, p. p. 33-34) diria:

Dei o nome de arquétipos a esses padrões, valendo-me de uma expressão de Santo Agostinho: Arquétipo significa um “Typos” (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido de caracteres arcaicos, que, em forma e significado, encerra motivos mitológicos, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore.

Sendo assim, os arquétipos, dotados de universalidade e imutabilidade, funcionariam como a base de todos os pensamentos, sentimentos e atitudes humanas, sendo exteriorizados e/ou expressados através dos símbolos. Em suma, os mitos seriam as representações dos arquétipos, como explica de maneira simples e eficaz a pesquisadora Maria Zélia de Alvarenga (2010, p. 64): “poderíamos fazer a seguinte comparação: o arquétipo é como um software, o Word, por exemplo; quando você usa esse programa para digitar uma história, essa história será um mito, mas só pôde vir à luz graças a esse software-arquétipo.”

Com isso, podemos dizer que os mitos surgiram através da necessidade que o ser humano possui de se adaptar à sociedade, e estes seriam uma espécie de verdade socialmente aceita que contribui para a manutenção das instituições sociais, delineando padrões de comportamento que permanecem através dos tempos e funcionam como referenciais para a nossa caminhada existencial.

André Dabezies (1997, p.731), na obra de Pierre Brunel, intitulada *Dicionário de mitos literários*, numa tentativa de definição e tomando como base os empregos qualificados da palavra mito, afirma que para a literatura o mito seria:

Um relato (ou uma personagem implicada num relato) simbólico que passa a ter valor fascinante (ideal ou repulsivo) e mais ou menos totalizante para uma comunidade humana

mais ou menos extensa, à qual ele propõe a explicação de uma situação ou uma forma de agir.

Também Mielietinsky, em sua obra *A poética do mito*, já tratava da relação entre mitologia e literatura. De acordo com ele, a literatura está geneticamente relacionada com a mitologia. Para explicitar tal relação genética, Mielietinsky utiliza a literatura fantástica de Hoffman:

O fantástico do cotidiano se desenvolve com base na máxima interpenetração do maravilhoso e do cotidiano. Por um lado, atrás das pessoas, dos objetos e situações mais comuns descobrem-se forças maravilhosas, fantásticas e míticas do outro mundo e, por outro, essas mesmas forças fantásticas se apresentam numa forma reduzida, ordinária, cômica. (1987, p. 344)

A presença do mito numa obra literária tem a função de revelar uma visão de mundo; é uma espécie de ângulo pelo qual o autor enxerga a realidade literária exposta ali. Conforme diria André Dabezies (1997, p.735): “*Numa sociedade dessacralizada, a produção literária representa ainda um dos campos privilegiados onde o mito pode exprimir-se.*”

Assim como os mitos, o poema é palavra, linguagem; é a tradução do sentimento em palavras, é a revelação do real, o resgate da porção humana que vive na cegueira: assim é que a poesia se revela para nós. E é na tentativa de resgatar o homem dessa cegueira que os mitos surgem na literatura; afinal, não seria esta a função da arte: resgatar o ser da sua temporalidade?

Notemos que a relação entre mito e literatura vem de longa data e para tal constatação se faz necessário observar os contos maravilhosos, as epopéias, o drama e até mesmo a lírica realizada nas antiguidades. Se, conforme o pensamento de Durand, os mitos possuem estrutura narrativa, tendo semanticamente um significado desvelador, nada mais poderia embargar a constatação dessa relação. Conforme diria Ana Maria Lisboa de Mello (2002, p. 38): “*Dessa dupla funcionalidade do mito – estrutural e semântica – vale-se a literatura, tanto em suas formas orais (contos de fadas, lendas, canções), quanto nas escritas (nas espécies narrativas, líricas e dramáticas).*”

Com isso, podemos dizer que a poesia é revelação e, sendo a poesia uma revelação, ela brota, flui com a suspensão, com a ruptura do tempo, promovendo um compromisso com o perene, o eterno. E aí reside a relação entre os mitos e a poesia: a compreensão da condição humana e a perpetuação de símbolos arquetípicos.

Dora Ferreira da Silva e o mito de Narciso

Nascida em Conchas, em 1º de julho de 1918, falecendo em São Paulo no dia 6 de abril de 2006, Dora Ferreira da Silva dedicou mais de 50 anos a arte poética, caracterizando uma longa trajetória como escritora. Contemplada por três vezes pelo Prêmio Jabuti – em 1970, 1996 e 2005 – e reconhecida pela Academia Brasileira de Letras, através da conquista do Prêmio Machado de Assis, no ano de 1999, Dora Ferreira da Silva assegurou sua presença no cenário poético brasileiro com suas obras marcadas pela presença de simbologia e recursos míticos, conforme aponta a pesquisadora Enivalda Nunes Freitas e Souza:

A poesia de Dora Ferreira da Silva reside no espaço do sagrado, lá onde os deuses sopram a música e alinham o poema, promovendo uma harmonia cósmica em que vida e poesia se alimentam mutuamente. Assim, a poeta perpetua um tipo de poesia da mais pura tradição lírica, filha de Orfeu, poesia do resgate dos deuses, dos mitos, da força elementar da natureza, e em tudo estranha às produções da poesia brasileira contemporânea. (SOUZA, artigo inédito, p. 09)

Defensora de uma poesia atemporal, Dora reelabora os mitos antigos, de maneira a construir uma poesia eterna, tradutora da plenitude e perpetuadora dos elementos míticos. O universo do mundo clássico está presente em toda a sua obra e a sua relação com a temática mítica é tão intensa que a própria Dora, em entrevista a Hermes Rodrigues Nery, discorre acerca da relação existente entre a sua poesia e os mitos:

HRN - Há quem diga que o verdadeiro objeto do mito não são os deuses, nem os ancestrais, mas um conjunto de ocorrências fabulosas com que se procurou dar sentido ao mundo. Qual é o sentido do mito?

DFS – Há formulações da vida, das grandes configurações da vida que são os mitos. A história é aparentemente uma dessacralização do mito. O homem anota o que vê, de forma criteriosa, acontecimentos, guerras, fatos observados, tentando interpretá-los à sua maneira, cria a filosofia da história, mas o mito... ele é muito mais parente da poesia, de algo que não passa pelo crivo da consciência intelectual, ele não é um saber codificado que nós vamos encontrar definido na estante, ele vem do mais profundo da psique, é uma emanção do nosso pensamento não codificado. Nós o encontramos, por exemplo, quando dormimos e sonhamos, o artista vai buscá-lo na dimensão do onírico motivos para a sua poesia; é como um tomar posse daquilo que foi exteriorizado, partindo de si próprio, buscando lá dentro, nestes depósitos secretos que temos em nosso interior... (<http://medei.sites.uol.com.br/penazul/geral/entrevis/dora.htm>)

Completamente envolvida pela Grécia e pelo mundo helênico (sua avó materna era grega), Dora escreve *Hidrias*, que seria sua última obra lançada em vida e responsável pelo seu terceiro Prêmio Jabuti. A obra é composta por 25 poemas que louvam a beleza dos principais mitos gregos e a partir do título Dora já mostra a que veio: “*vasos de cerâmicas*

destinados a recolher e a conter água (hýdor), elemento de importância fundamental na vida de qualquer povo de todos os tempos” (CABRAL, 2004, p. 09). Recontando os mitos, a poeta aponta como se dá a relação entre os elementos míticos e a realidade da condição humana, demonstrando, com isso, a atemporalidade mitológica, que pode simbolizar a vida humana em qualquer época ou lugar.

O poema seguinte não só revela a essência do mito para Dora Ferreira da Silva como corrobora a importância da relação dos mitos com a literatura. Nele, a poeta discorre acerca do mito de Narciso e da sua complexidade, representado a singularidade da condição humana.

Lampeja o olhar que antes a toda beleza
se esquivara. És tu, Narciso,
teu reflexo nas águas, ou a irmã
de gêmeo rosto e forma?”

Não, não te afastas, porque a unidade
em duas se faria e o mundo das sombras ulula
à espera de tal luto. Permaneces inclinado
e adoras, sem saber se és tu, ou quem queres ver
nos exasperando amor que as águas refletem.

A morte veio enfim buscar-te, consternada,
vendo os olhos do estranho amante
fixos na flor nascida de teu sonho. (Narciso I, *Hidrias*, p.38)

O mito de Narciso trata da efemeridade da beleza e de sensações que a ela se aliam: o vazio, a solidão, o reflexo, o engano, a inveja e a morte, como bem colocado pela pesquisadora Enivalda Nunes Freitas e Souza (2009, p. 66), “*com o mito de Narciso esbarramos na busca do conhecimento, na questão da sombra e do duplo e na intrigante relação entre amor e ódio, amor e morte*”. Há várias versões deste mito, porém me deterei na versão celebrizada na obra *As metamorfoses* (Livro III), escrita pelo poeta latino Ovídio, considerado o mais antigo narrador de tal mito.

De acordo com Ovídio, quando Narciso nasceu, sua mãe, uma ninfa belíssima, consultou o adivinho Tirésias para saber se aquele filho de extraordinária beleza viveria até o fim de uma longa velhice. As palavras dele foram: “– Sim, se ele não chegar a se conhecer.”

Narciso cresceu, sempre formoso. Jovem, muitas moças e ninfas queriam o seu amor, mas o rapaz desprezava a todas. Um dia, Narciso caçava na floresta quando a ninfa Eco o viu. Eco, por causa de uma punição que Hera lhe infligira, só era capaz de usar da voz para repetir os sons das palavras dos outros. Ao se deparar com a beleza de Narciso, a ninfa se apaixonou por ele e se pôs a segui-lo. Quando resolveu manifestar o seu amor, abraçando-o, Narciso a

repeliu. Desprezada e envergonhada, Eco se escondeu nos bosques com o rosto coberto de folhagens. O amor não correspondido a foi consumindo pouco a pouco, até que, depois de reduzida a pele e osso, seu corpo se dissipou nos ares.

Um dia, uma das muitas jovens desprezadas por Narciso, erguendo as mãos para o céu, disse: “– Que Narciso ame também com a mesma intensidade sem poder possuir a pessoa amada!”

Nêmesis, a divindade punidora do crime e das más ações, escutou esse pedido e o satisfez. Havia uma fonte límpida, de águas prateadas e cristalinas, de que jamais homem, animal ou pássaro algum se tinham aproximado. Narciso, cansado pelo esforço da caça, foi descansar por ali. Ao se inclinar para beber da água da fonte viu, de repente, sua imagem refletida na água e encantou-se com a visão. Fascinado, apaixonou-se por si mesmo, sem saber que aquela imagem era a sua, refletida no espelho das águas.

Nada conseguia arrancar Narciso da contemplação, nem fome, nem sede, nem sono. Várias vezes lançou os braços dentro da água para tentar inutilmente reter com um abraço aquele ser encantador. Chegou a derramar lágrimas, que iam turvar a imagem refletida. Desesperado e quase sem forças, foram estas suas últimas palavras: “– Ah! Menino amado por mim inutilmente! Adeus!”

As ninfas, juntamente com Eco, choraram tristemente pela morte de Narciso. Já preparavam para o seu corpo uma pira quando notaram que desaparecera. No seu lugar, havia apenas uma flor amarela, com pétalas brancas no centro.

Aficionada pela temática grega, Dora dá início ao poema fazendo referência a uma das versões do mito de Narciso, que diz que ele possuía uma irmã gêmea: “*És tu, Narciso/ teu reflexo nas águas, ou a irmã/ de gêmeo rosto e forma?*” Propagador dessa versão, Pausânias acreditava que Narciso tinha uma irmã gêmea, por quem se apaixonara, e quando ela morreu, a cada vez que o jovem se olhava na fonte, sentia alívio para a sua dor amorosa, pois imaginava ver não o seu próprio reflexo, mas a aparência amada da irmã, com quem muito se assemelhava. Esse pensamento é ratificado nos escritos de Souza (2009, p. 70):

A criatura perdida em suas medidas, de alma incompleta e existência nula, que parece ser outra e não ela mesma, que quanto mais se esconde mais se mostra (o que não é, porque nada é), oscilando entre o ser e o não ser, assume a dissolvença material, transformando-se só numa imagem de si mesma ou do amado.

A pureza daquelas águas, o bucolismo do ambiente; tudo é metaforizado na figura de Narciso, na sua pureza, na irradiação daquela beleza vista nas águas intocáveis da fonte de

Téspias. Aquele ser apaixonante, que dantes ignorava todo e qualquer olhar amoroso, agora sucumbe, e ironicamente, sucumbe através desse próprio “*olhar que antes a toda beleza se esquivara.*”

Ao se ver, Narciso se extasia com tanta beleza e extasiado não consegue se mover; não consegue se ausentar daquela presença; daquela ilustre presença. Não consegue se afastar e, com isso, acaba permanecendo diante da imagem que é, ao mesmo tempo, sua salvação e seu carrasco. Ali, Narciso é a personificação do duplo, e com a permanência em si mesmo não se deixa desfazer da sua unidade.

Mas “*o mundo das sombras ulula à espera de tal luto*”. Esse mundo que, em coro, fica a espera da condenação de Narciso e tem o luto satisfeito por ele. Apaixonado pela própria imagem, ele fica imobilizado ali, cumprindo a sua *moira*; condenado a amar um amor impossível. Por amor ao seu próprio reflexo, à sua própria sombra, Narciso já não pode abandonar aquelas águas paradas. Somente ali seu amor se satisfaz; somente ali “*a unidade que em duas se faria*” através do seu afastamento, não se desfaz. Então, “*Permaneces inclinado/ e adoras, sem saber se és tu, ou quem queres ver/nos exasperando amor que as águas refletem.*”

Vem então o desolamento de amar aquele ser que nunca toma forma, nunca se materializa, nunca pode ser tocado; esse desolamento que traz a desilusão. E com a desilusão vem o seu suicídio. E é tanto sofrimento que é imposto a Narciso pelo seu próprio destino, que até a morte se compadece dele, mas já era tarde. Após tanta estagnação, é chegada a hora de partir: “*A morte veio enfim buscar-te, consternada.*” Desolada, ela vem em busca de um jovem apaixonado e encontra um Narciso inerte, vazio, sem força e sem vida; um “*estranho amante*” que já está morrendo aos poucos.

Como diria Souza (2009, p. 69): “*Dor, medo, loucura, dilaceração. Esses são os frutos do amor; essa é a vida de quem bebe no copo da paixão, pois encontra a dissolvência, que é a fuga e o desaparecimento completo de si, convertido no objeto amado.*” Narciso, que nasceu da água, morre agora por ela. Passa agora a procurar o ser amado nas escuras águas do rio *Estige*, no reino sombrio de Hades, deixando como consolo a “*flor nascida de teu sonho*”, essa flor que metaforiza o sono da morte. Uma flor que já nasce efêmera: floresce na primavera, mas fenece após essa breve vida. Narciso enfim encontra a morte!

Conclusões

Após esse breve estudo acerca da relação entre mitologia e poesia na obra de Dora Ferreira da Silva, verificamos que a presença dos mitos na obra de Dora tem valor único. Com a reativação dos mitos, ela vai apontando caminhos a serem seguidos e criando imagens de beleza, assim como fez o poeta Ovídio, de maneira a eternizar seus escritos.

Essa reativação é fator importante na poesia de Dora, visto que sendo o homem conhecedor desses mitos ele torna-se capaz de repeti-los quando lhe for necessário. A poeta tem o dom de sensibilizar seu leitor com sua poesia. Seus poemas refletem acerca do sentido da existência humana e assim Dora consegue transpor os mitos para a vida cotidiana, demonstrando a atemporalidade que lhes é peculiar. Essa atemporalidade mitológica é que permite o encantamento e a perpetuação desses mitos, e é na literatura que eles buscam amparo para alcançar sua continuidade.

Baseados nisso, chegamos à conclusão de que os mitos, enquanto descobridores e reveladores da essência do ser humano continuarão a nos encantar, pela sua particularidade em tratar das coisas que nos inquietam, não importando a época ou o lugar.

Referências bibliográficas

- ALVARENGA, Maria Zélia de. Arquétipos: o nosso programa básico In: *O livro das Mitologias*. Revista Super Interessante: Edição Especial. Edição 280-A, 2010, p.64.
- DABEZIES, André. Mitos primitivos a mitos literários. In: BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- JUNG, Carl G. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- MIELIETINSKI, E. M. *A poética do mito*. Rio de Janeiro: Fofense-Universitária, 1987.
- NERY, Hermes Rodrigues. “*Dora Ferreira da Silva: A FASCINAÇÃO DO MITO*”. Acessada em 02 de abril de 2011. (<http://medei.sites.uol.com.br/penazul/geral/entrevis/dora.htm>).
- OVÍDEO. *Metamorfoses*. Trad. Manuel M. B. Bocage. São Paulo: Hedra, 2007.
- RIBEIRO JR, João. *As perspectivas do mito*. São Paulo: Pancast Editorial, 1992.
- SILVA, Dora Ferreira da. *Hídrias*. São Paulo: Odysseus, 2004.

SOUZA, Enivalda Nunes Freitas e. Narciso e seu reino de sombra em Cantares, de Hilda Hilst. *Letras de Hoje*: Porto Alegre: EDUPUC, v. 44, p. 65-74, 2009.

_____. A poesia do *illud tempus*: introdução a arquétipos de Dora Ferreira da Silva. Trabalho a ser publicado pelo GT da ANPOLL Teoria do Texto Poético.